

## Conversações do VIII ENAPOL

### ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

## 2. Assuntos de família no inconsciente

**Responsável EBP:** Glacy Gorski

**Participantes:** Cassandra Dias, Cleide Monteiro, Gabriella Dupim, Ilka Ferrari,  
Karynna Nóbrega, Pauleska Nóbrega, Tânia Abreu

### A família e suas impressões de marcas providas de gozo

De onde surge o espectro do pai de Hamlet, se não de onde nos denuncia que ele foi surpreendido na flor de seus pecados?

Sigmund Freud

Este relatório tece reflexões acerca dos assuntos de família no inconsciente, iluminadas por extratos de passes. Sua construção supõe seguir, passo a passo, pelos caminhos que seus subtítulos anunciam.

### Família função de resíduo/aparelho de gozo

Freud, em “Psicologia das massas e análise do eu” (1921/2011), afirma que a relação de cada um com seus objetos de amor, a exemplo de pais, irmãos e professores, é fenômeno social. Assim os fenômenos narcísicos ou autísticos não podem ser separados dos fenômenos da psicologia social ou de massa. Na vida psíquica, conseqüentemente, o outro aparece como ideal, objeto, auxiliar ou inimigo.

Em “Nota sobre a criança”, Lacan [2003: 369] diz que a vida psíquica supõe a função de resíduo que sustenta a família conjugal na evolução das sociedades. Resíduo como “valor irreduzível de uma transmissão – de outra ordem que aquela da vida segundo as satisfações das necessidades, mas que é de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo”.

Miller (2012) destaca o estado de resíduo, de objeto *a* sustentando a família a qual, em 1993, ele já havia esclarecido ser composta pelo Nome-do-Pai, desejo da mãe e o objeto *a* [Miller, 2007]. Em sua constituição, não se trata de um conjunto de laços ou deveres unindo os sujeitos, mas de um segredo relativo a um desejo não dito e sempre atrelado ao gozo do pai e da mãe. Família com função de transmissão da língua materna, transmissão do pulsional que somente ocorre pelo viés do mal-entendido, engendrando marcas que são puros acontecimentos de corpo, já que *alíngua* está atrelada ao corpo.

Os termos pai e mãe, irmão e irmã somente adquirem sentido e peso em razão do lugar que têm na articulação do saber, do gozo e de certo objeto, afirma Lacan em *O seminário 16* [1968-1969/2008]. As relações primordiais são conectadas à *alíngua*, via de encarnação do desejo dos pais em nosso modo de falar.

Para Sinatra (2016), a partir da perspectiva do Outro, “cada um é a consequência das respostas que tenha dado a essas marcas”, constitutivas do que designamos fantasias, tela do real por meio da qual se faz existir uma realidade de acordo com uma satisfação particular. Tela, portanto, construída “a partir da incidência do Outro em Um”. Oscar Ventura (2017), em seu testemunho “Silêncio, memória, ruído... e esquecimento”, dado no Museu do Inhotim, em Brumadinho, Minas Gerais, relembra que a matriz da fantasia constrói-se cedo, e conta que a dúvida impressa em sua constelação familiar, advinda da recomendação médica para que sua mãe abortasse, diante da profunda depressão por ela vivida, fez com que uma frase lhe impusesse e se precipitasse antes de outra qualquer: “Você poderia não ter nascido!”. Esse foi o fragmento escutado, e seu eco tocou o corpo, perturbando a lógica da separação, produzindo intensa viscosidade com o Outro, que o levava a equivaler separação a desaparecimento.

Para os psicanalistas, é bastante familiar como o sujeito tenta se desresponsabilizar das consequências de seus atos, extraindo do sentido a fantasia e o gozo, assim como extraem sentido do gozo (Sinatra, 2016). Na trama familiar, o sujeito se desresponsabiliza culpando o Outro, causando mal-entendidos e desencontros próprios do vivido pela função primordial da família, a de aparelhar o gozo por meio das palavras que imprimem, em cada um que a compõe, uma marca provida de gozo. Segundo Bassols (2016), o verdadeiro servo da família, seu *famulus*, escravo, “É, na verdade, o sujeito do gozo”. Ao temperar o gozo autoerótico, a família é responsável pela construção do primeiro laço social. Espera-se, segundo Aflalo [2014: 134], que “seja qual for a sexualidade do conjugado, [...] o laço tecido com a criança tenha as marcas singulares do desejo de cada um daqueles que ocupam uma função parental”.

Oscar Ventura (2017) elucida que a situação familiar fez com que sua subjetividade se inscrevesse em uma borda, numa espécie de posição ectópica entre a ameaça de ser expulso do Outro, como um objeto dejetivo, ou a de sustentar-se sob seu manto, na condição de ficar sujeito a dois afetos: a angústia e a tristeza. Descreve uma recordação que ajudou a solidificar a fantasia: um olhar entre triste e ausente, tingido de silêncio, que o contempla desde a cabeceira do berço. Essa cena lhe fixa o semblante de um olhar triste que não passa despercebido. Sempre lhe perguntam o que lhe passa. Ao que lhe parece, era uma criança que dormia, comia e pouco chorava. Constatou que, várias vezes, sua mãe e sua avó, inquietas com seu silêncio, buscavam comprovar se algo andava mal, se ainda estava vivo. E a obsessão pela morte o acompanhou por muitos anos.

Com Lacan, lemos que o sujeito atribui ao destino seu caminho, mas a experiência analítica mostra que este é feito de escolhas baseadas nos ditos do outro parental, que supõe o encontro sempre faltoso entre um homem e uma mulher tendo como produto um filho: “Achamos que dizemos o que queremos, mas é o que quiseram os outros, mais particularmente nossa família, que nos fala. Com efeito, há uma trama – chamemos isso de nosso destino” [Lacan, 1975-1976/2007: 159]. Nessa trama, qualquer que seja o formato da unidade familiar, ela sempre porta, em seu seio, um segredo sobre o gozo. Em seu testemunho, Sonia Chiriaco [2012: 76] revela um desejo que marcou seu nascimento, transparecendo o segredo do gozo dos pais: “Nós a desejamos quando soubemos que você iria morrer”. Ao fim da análise, percebeu que essas palavras a marcaram e que extraía gozo ao buscar equilibrar vida e morte, presença e desaparecimento, o esconder-se e o mostrar-se.

### **Sobre o inconsciente e o pai pecador**

Consideramos, tendo como referência Santiago (2006), que, ao encarnar a política, o inconsciente “deve ser lido a partir da pulsão e do objeto perdido, e não mais a partir da identificação ao pai e à lei do amor” (p. 77). Em *O Seminário 16*, Lacan [1968-1969/2008] afirma que o inconsciente é um discurso no qual prevalece um enxame de  $S_1$ , concluindo que ele é um discurso sustentado numa escrita. Dá acento à dimensão da letra, do gozo como um escrito que insiste em se repetir, concebendo o inconsciente como um aparelho de gozo e, nesse paradigma, torna-se a materialização de uma cifra de gozo.

No último ensino de Lacan, o Nome-do-Pai é questionado em seu aspecto de universalização, a nomeação já não opera estritamente via simbólico e a função do pai como vetor de uma encarnação da lei sofre transformação, pois o ideal já não serve de orientação. O que se espera de um pai é que ele se responsabilize por seu modo de gozo. No primeiro ensino, a figura paterna está marcada por sua função de interdição do gozo, com corpos esvaziados pela ação mortificante do simbólico. No último ensino, o pai é o responsável pela transmissão de seu pecado. Sua função é orientada pela mulher colocada no lugar de causa de seu desejo, cumprindo a função de sintoma.

Em *O seminário 11*, inspirado em Kierkegaard, Lacan [1973/1985] retoma o sonho relatado por Freud, no qual o filho se queixa de que o pai não o vê queimando e se interroga: “Do que é que ele queima? – senão do que vemos desenhar-se em outros pontos designados pela topologia freudiana – do peso dos pecados do pai, que carrega o fantasma no mito de Hamlet” (p. 37). E indo além do pai, afirma que o pecado do pai é nossa herança. O Nome-do-Pai é o que dá sustentação à estrutura do desejo diante da Lei, mas o que herdamos é seu pecado. No romance “O elixir do diabo” (*Die Elixiere des Teufels*), de Hoffmann (1993, p. 25), há a afirmativa de um peregrino dirigida a uma mãe: “Seu filho tem muitas qualidades, contudo ‘os pecados de seu pai fervem e cozinham no seu sangue’”. Aqui se desvela que a transmissão do pai reside no pecado, no seu modo de gozo resguardado como segredo, deixando cair a figura do pai idealizado.

No último ensino, o pai passa a ser compreendido como *sinthoma*, viabilizando o enlaçamento do real, imaginário e simbólico. Configura-se como o quarto nó que enlaça os três registros. Vale dizer que o *sinthoma* precisa ser compreendido com base na noção de pluralização do Nome-do-Pai e da pai-versão. Como analistas, confrontamo-nos não com o Pai, mas com singulares versões do pai. Se, por um lado, a função universal do pai declina, por outro, temos sua pluralização, indicando que a nomeação faz furo. Aqui ela mostra o real do pai simbólico, portanto nome algum lhe é próprio, e daí a existência de pluralidade deles. A singularidade de cada nomeação se explica pelo fato de que os Nomes do Pai localizam-se na hiância do desejo e do gozo. É preciso ver o que, em cada caso, funcionou como Nome-do-Pai, quais são as versões de pai (pai-versão) para cada sujeito.

## **Sobre o desejo da mãe**

Em *O seminário 17* [1969-1970/1992], Lacan coloca que a função da mãe é o seu desejo. Bassols (2016), em “Famulus”, afirma que o gozo feminino, implícito no que se escreve como DM, “Finca as raízes desse desejo materno em um campo que está sempre além, ou mais próximo, do gozo fálico. É o campo do gozo feminino que habita em toda unidade familiar”. Concluímos que toda família é um aparato de gozo e que é, exatamente “neste Outro campo do gozo, mais além ou mais aquém do falo, onde reside o segredo de toda família”. A família, independentemente do formato que assuma, estará sempre “velando o *Heteros* do gozo feminino”. Essas citações ficam mais claras se trazemos a afirmação de Lacan [1971-1972/2012], de que não existe segundo sexo, pois, quando a linguagem começa a funcionar, “A heterossexualidade, *heteros*, o outro, está na posição de se esvaziar enquanto ser para a relação sexual” (p. 93).

Acrescentamos que o DM não pode ser recoberto completamente pelo significante fálico veiculado pelo NP. Deixará sempre um resto atrelado ao gozo feminino que pode ter um efeito devastador, principalmente para as filhas. Às versões do pai e ao equívoco da *pèrre-versión*, segundo Fuentes (2016), devem-se incluir as figuras da mãe, responsáveis pelo estrago subjetivo que surpreendeu Freud por sua preponderância na análise das mulheres. Apoiando-se em Lacan, ela afirma que, na operação de separação, a primeira resposta que a criança dá para o enigma do desejo do Outro parental é a sua própria perda, originando a fantasia do próprio desaparecimento, da morte interpretada como desejo do Outro: “Assim, o fato de estrutura – ser aborto de um desejo – é interpretado como má vontade de um Outro maligno que será tanto mais paranoide e persecutório quanto maior o efeito do rechaço da castração”.

## **Da crença à heresia**

O desafio da análise situa-se na passagem dos assuntos de família, que têm no Outro a fonte do sentido, do “destino” no qual o sujeito se ampara, ao *sinthoma* que, para Lacan, relaciona-se com a escolha do sujeito realizada diante do que lhe é imposto e que tem algo a ver com uma postura herética que supõe a retirada da idealização do Outro, e uma *desfamiliarização* da fala do sujeito. Joyce, por exemplo, não aceita ser servo da via canônica, seguindo por uma via própria; e mediante seus artifícios, coloca sua marca

distintiva: “Mas é fato que ele escolhe. Em que ele é, como eu, um herético. Pois *haeresis* é aí que bem se especifica a herética. Deve-se escolher a via por onde tomar a verdade” [Lacan, 1975-1976/2007: 15]. Podemos aqui traçar um paralelo com a condição do *fallasser* no fim de análise.

Em seu relato, Beatriz Udenio (2017) afirma: “Uma experiência de análise nos permite construir, para desconstruir, a trama das ficções que constitui o que chamamos família”. E foi assim, segue dizendo, que se produziu “a desconstrução da função/ficção do pai, na análise”. A morte de seu pai lhe favoreceu o desenlace de um arranjo neurótico que supunha a estratégia de considerar o homem como substituto do pai. Já não poderia dizer papai, exclamou na época, diante do desaparecimento desse nome que ela mesma havia parido, tornando real a orelha morta a que se dirigia. Em um sonho, no fim de análise, ela joga fora a orelha do pai. Do pai, no fim, resta apenas a letra B, demonstrando que pôde prescindir do pai, mas não sem se servir dele.

No passe de Oscar Ventura (2017), “Silêncio, memória, ruído... e esquecimento”, um extrato deixa explícito o momento de passagem de analisante a analista. Ao se referir ao momento de seu nascimento, o dito perde sua força, se esmaece, e ele diz ao analista: “Y entonces me tienen, nazco”. O analista lhe pergunta se havia escutado o que disse, pois a declinação de sua voz havia arrancado a vírgula do lugar, desorganizando todo aparato da linguagem e soando, em tradução para o português, “eles me têm asco”. Essa expressão enigmática destituiu o analista da cena e o deixou à mercê da própria relação com *alíngua*. Quando se tocou na identificação ao objeto dejetivo, desbaratou-se a impostura melancólica, deflacionou-se o gozo que parecia selado ao destino trágico. O destino que parecia selado tornou-se incerteza: sem destino para o analisante e o analista que dizia ser. Momento de captação radical da inexistência do Outro, experimentando a passagem que implica encarnar a posição de analista como Outro, para a posição de encarná-la como objeto, em suas duas vertentes, a de ser o agente da causa de desejo, e de consentir com a leveza de deixar-se, como analista, ser jogado no lixo: é possível desaparecer sem morrer, no paradoxo da firmeza da vida e sua alegria. Um acontecimento de corpo, quando pensa haver encontrado um refúgio para a gritaria do mundo, precipita-se: começa a ouvir zumbidos constantes, o que o leva a outro analista. Sua pretensão amorosa de aprisionar seu analista pelo lado da desgraça se desfaz. Dizia que devia ter nascido na época de Freud, de heróis cujo martírio não se sabe bem, a exemplo de Silberer, Tausk e Federn, que se suicidaram; Ferenczi que se declina em direção à loucura e à morte; Abraham, o rei da pulsão oral engasgado com uma espinha de peixe, causa de sua morte, e seus ideais

adolescentes expressos em Janis Joplin, Jimmy Hendrix, Brian Jones... E escuta do analista: “Que vida de merda a de todas essas pessoas que você relata!”. Tal ironia lhe fez ver como funcionava sua memória, tão enfatizada pelo avô, o Outro perdia consistência, o caminho para o fim da análise estava aberto. Certo dia, está no divã, e seu analista ocupado com outros afazeres. Oscar lhe diz que está com pressa, porque tem uma supervisão marcada. Sai apressado para o endereço 5, Rue de Assas, mas diz ao taxista: 5, Rue de Lille, indo ao consultório de Lacan, à busca do Outro do Outro, já que seu analista o havia deixado sozinho. Quando retorna à sessão e conta o que lhe aconteceu, ocorre gargalhada franca e compartilhada, e um pensamento que lhe vem por meio de uma imagem da infância: ele, sozinho, sentado no umbral da porta da casa de sua família, fugindo do ruído e esperando que o Outro venha lhe resgatar, perdendo tempo entre o tédio e a tristeza pelo que nunca aconteceu. De pé e caminhando em direção à porta, com muito bom humor, diz ao analista que o doutor Lacan não estava nem iria chegar, de modo que o mais interessante que podia fazer era apresentar-se ao dispositivo do passe. E afirma que nunca havia caminhado tão leve pela cidade cheia de ruído e de vida.

Ram Mandil (2013), em seu testemunho, conta-nos, a partir do que viveu como experiência traumática, a cirurgia para a correção da criptorquidia, como a contingência lhe fez traçar um destino trágico. O vazio no saco perdurou em sua posição subjetiva como “ensacador de demandas”. Carregava, por exemplo, mochila pesada, simbolizando a mortificação do desejo, um vazio em seu corpo. O vaticínio fantasmático que condenou o sujeito a não suportar o saco vazio o levou ao gozo da posição sacrificial demarcado com base em seu enredo familiar. Aos 12 anos, foi-lhe revelada a omissão de seu terceiro nome, Avraham, fruto de uma solução de compromisso entre desejo da mãe e a incidência do pai, marca da matriz bíblica do sacrifício paterno. No Gênesis, Abraão conduz seu filho, Isaac, ao sacrifício, como prova de sua fé, em gozo na posição sacrificial: “O Nome Próprio parecia inscrever um destino, seja pelo drama de Abraão, seja pelo drama do filho, ou do carneiro sacrificado em seu lugar ‘ram’, em inglês, um carneiro macho” [Mandil, 2013: 68]. Do romance familiar, ancorado nesse mito bíblico, a análise permite uma torção, uma releitura do gozo do sacrifício na vida como escravo a serviço das infundáveis demandas do Outro. Assim, lidar com o vazio a partir do furo foi responsável pela extração de um *savoir y faire*, através de uma nova aliança com o gozo, uma vez que é impossível livrar-se dele. A mochila ficou mais leve, e o vazio no saco pôde ser vivido com prazer. Ter um vazio no saco, eis a condição de uma nova forma de satisfação. Em um dos seus sonhos de fim de análise, aparecem as letras AVD, que evocam, ao despertar, uma palavra em hebraico

(*avdalah*). Daí, é preciso reconhecer que há vida “lá onde antes só parecia haver lugar para a mortificação do vazio”. [Mandil, 2013: 113]

Nesse caminho cheio de ruídos e pontos obscuros, com luzes e interrogações que nos acedem, aqui estamos, analisantes e analistas, para discutir e buscar formalizações possíveis sobre o tema. Que tenhamos um bom trabalho!

## **Bibliografia**

- Aflalo, A., (2014) Homoanalisantes: o pai, um dos nomes da deusa branca? Alvarenga, E. & Alberti, C. (Orgs.), *Mulheres psicanalistas falam da maternidade*. Belo Horizonte: EBP.
- Bassols, M., (2016, outubro). Famulus. *Lacan XXI, Revista da Fapol*, 2. Recuperado a partir de: <http://www.lacan21.com/sitio/2016/10/25/famulus/?lang=pt-br>.
- Chiriaco, S., (2012) Une femme, deux jouissances. *La Cause du Désir*, 81, 76. Paris: Navarin.
- Freud, S., (1921/2011) Psicologia das massas e análise do eu. P. C. Souza (Trad.), *Obras completas de Sigmund Freud*. Vol. 15, pp. 13-113. São Paulo: Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1921).
- Fuentes, M. J. S., (2016) As ficções de família e o gozo órfão. *Lacan XXI, Revista da Fapol* N° 2. Recuperado a partir de: <http://www.lacan21.com/sitio/2016/10/25/as-ficcoes-de-familia-e-o-gozo-orfao/?lang=pt-br>.
- Hoffmann, E. T. A., (1993) *Die Elixiere des Teufels*. Kehl: SWAN Buch-Vertrieb.
- Lacan, J., (1968-1969/2008) *O seminário, livro 16. De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J., (1969/2003) Nota sobre a criança. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 369-370. (Publicado originalmente em 1969)
- Lacan, J., (1969-1970/1992) *O seminário, livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J., (1971-1972/2012) *O seminário, livro 19. ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J., (1973/1985) *O seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J., (1975-1976/2007) *O seminário, livro 23. O sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Mandil, R., (2013) Conjunto vazio. *Opção Lacaniana* N° 66, pp. 67-78.
- Miller, J.-A., (2007, maio-setembro) Assuntos de família no inconsciente. *ASEPHallus*, 2 (4), 80-84. (Publicado originalmente em 1993). Recuperado a partir de: [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_04/asephallus04.pdf](http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/asephallus04.pdf), 2007.

- Miller, J.-A., (2012, abril) El revés de la familia. *Consecuencias* N° 8. Recuperado a partir de: <http://www.revconsecuencias.com.ar/ediciones/008/template.php?file=arts/Alcances/El-reves-de-la-familia.html>.
- Santiago, J., (2006) A clínica do pai-versão: um adeus ao pai morto. *Latusa* N° 11, pp. 73-91.
- Sinatra, E. S., (2016) Assuntos de família: o Outro em Um. *Lacan XXI, Revista da Fapol* N° 2. Recuperado a partir de: <http://www.lacan21.com/sitio/2016/10/25/assuntos-de-familia-o-outro-em-um/?lang=pt-br>.
- Udenio, B., (2017) *A desconstrução da família em análise*. Belo Horizonte. (Inédito).
- Ventura, O., (2017) Silêncio, memória, ruído... e esquecimento. Apresentação no 11º Congresso da EBP, Inhotim, Brumadinho. (Inédito).